

Do advento do sujeito ao mal-estar na cultura: a metapsicologia do ódio

*Denise Sousa Lira Bertoche**
*Ana Maria de Toledo Piza Rudge***

RESUMO: O presente trabalho recorre à metapsicologia freudiana a fim de relançar a compreensão do ódio na teoria psicanalítica. Para tanto, sustenta-se a observação do ódio em três blocos. Primeiramente, no processo primário, de onde o ódio desponta como afeto primordial representante da pulsão. Segundo, ao avistar o seu comparecimento como agenciador das três respostas estruturantes condizentes com o processo secundário. Por fim, assinala-se o seu caráter indelével, tanto na confecção do sujeito psíquico, como nos destinos que desaguam na cultura.

Palavras-chave: ÓDIO; METAPSIKOLOGIA; PSICANÁLISE; CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA; CULTURA.

From the Advent of the Subject to the Culture and its Discontents: The Metapsychology of Hatred

ABSTRACT: The present work draws on Freudian metapsychology to revitalize the understanding of hatred in psychoanalytic theory. The aim is to traverse the work of the father of psychoanalysis, from his pioneering writings to his conceptual reformulations, including the final period of his theoretical production, when he reflected on war. To this end, the observation of hatred is structured into three sections. Firstly, within the primary process, where hatred emerges as a primordial affect representing the drive. Secondly, in its appearance as a mediator of the three structuring responses consistent with the secondary process. Lastly, its indelible nature is emphasized, both in the constitution of the psychic subject and in the destinies that flow into culture.

Keywords: HATRED; METAPSYCHOLOGY; PSYCHOANALYSIS; PSYCHIC CONSTITUTION; CULTURE.

Del Advenimiento del Sujeto al Malestar en la Cultura: La Metapsicología del Odio

RESUMEN: El presente trabajo recorre a la metapsicología freudiana para revitalizar la comprensión del odio en la teoría psicoanalítica. El objetivo es recorrer la obra del padre del psicoanálisis, desde sus escritos pioneros hasta sus reformulaciones conceptuales, incluyendo el período final de su producción teórica, cuando reflexionó sobre las guerras. Para ello, la observación del odio se estructura en tres bloques. Primero, en el proceso primario, donde el odio surge como afecto primordial representante de la pulsión. Segundo, en su aparición como mediador de las tres respuestas estructurantes coherentes con el proceso secundario.

* Psicóloga. Especialista em Psicanálise e Saúde Mental-SEPAI. Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade-UVA.
ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-6918-6075>
E-mail: deniselirabertoche@gmail.com

** Doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1994). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida RJ. Professora Associada Aposentada da PUC-Rio.

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-4195-4084>
E-mail: amrudge@gmail.com

Finalmente, se destaca su carácter indeleble, tanto en la constitución del sujeto psíquico como en los destinos que desembocan en la cultura.

Palabras clave: ODIO; METAPSICOLOGÍA; PSICOANÁLISIS; CONSTITUCIÓN PSÍQUICA; CULTURA.

A justificativa metapsicológica

A teoria metapsicológica apresentou-se para Freud (1915/2010) como um dos terrenos mais obscuros da epistemologia psicanalítica, requerendo um esforço minucioso para sua investigação e compreensão, assim como para seu avanço. Estabelece-se como o modelo de abordagem dos processos anímicos, no qual se destacam os aspectos econômico, dinâmico e topográfico de seu funcionamento. O estudo metapsicológico apresenta-se como uma via fértil para a compreensão da manifestação do ódio no funcionamento psíquico e do que disso se estende na cultura.

Uma vez que, na literatura do campo, o amor ocupa um lugar de protagonismo, restando ao ódio uma posição periférica, surpreende a hipótese freudiana que postula o ódio como primordial e anterior ao amor. Essa hipótese baseia-se em um posicionamento teórico no qual o ódio desponta na vida anímica sobretudo como resposta às diferenças que o mundo impõe, produzindo a própria complexidade que representa nas variadas formas de sua manifestação (Freud, 1895/1996, 1915/2010, 1923/2011, 1925/2011) e variações de força.

Para esclarecer essas formulações, destaca-se o momento inaugural da teorização metapsicológica: aquele em que Freud (1895/1996) desenvolveu seus estudos inéditos no artigo *Projeto para uma Psicologia Científica*. Embora se tenha recusado a publicar o estudo à época, este permanece importante para elucidar os desenvolvimentos posteriores da metapsicologia, oficializada em 1915. Desde essa obra, é possível apreender o processo primário, sistematizando-se uma hipótese clara sobre o estabelecimento das pulsões para a compreensão do funcionamento anímico e da natureza do ódio como fator constitutivo dessa operação.

Como bem observado pela psicanalista e professora Tânia Coelho dos Santos: “Indiscutivelmente, o que Freud entendia por pulsão remete à materialidade da energética no psiquismo” (Santos, 2013, p. 305). Tal hipótese conduz à investigação detalhada da performance pulsional (Freud, 1915/2010) nas origens do psiquismo (Freud, 1895/1996), à qual se articulam os afetos — o ódio e o amor — como equação do esforço da própria natureza da pulsão na produção da *Vorstellungen* (representações), no processo primário, e dos mecanismos psíquicos da *Verneinung* (denegação), *Verleugnung* (desmentido) ou *Verwerfung* (forclusão¹) (Freud, 1925/2011; Lacan, 1955-56/1988), no processo secundário.

A originalidade do ódio, o processo primário

Freud (1915/2010) foi claro ao articular, em sua teoria pulsional, que a pulsão atua de forma tal que sua pressão requer uma ação específica para ser eliminada. Tendo como fonte o suporte biológico — uma excitação de origem endógena —, a pulsão promove o trabalho psíquico a partir de traços mnêmicos de experiências passadas. Nas origens das representações anímicas, serão fabricados o ódio e o amor como formas de representar as experiências de satisfação e de dor vivenciadas, numa espécie de montagem contingente (Lacan, 1964/2008).

Já no *Projeto*, Freud (1895/1996) debruçou-se sobre um psiquismo que é basicamente um órgão de memória — memória pulsional (Paes De Barros, 1998). Nesse aparelho, cuja topografia inclui facilitações que determinam os caminhos que a energia psíquica irá trilhar, pode-se observar a constituição das pulsões, que obedecem a um princípio orientado pela busca

do prazer e pela repetição de experiências satisfatórias com o intuito de aplacar a dor (Rudge, 1998).

Essas facilitações e a energia que por sua topografia se movimenta constituem forças que visam reencontrar a satisfação e recusar a dor. Inicialmente, no processo primário, temos o desejo primário, cujo objetivo é a identidade de percepção via alucinação: o reencontro do objeto de satisfação é produzido pelo aparelho mediante uma descarga de excitação de forma total e instantânea.

Esse processamento resulta em dois acontecimentos: um depende da energia livre, que reativa alucinatoriamente a memória da satisfação como se estivesse novamente ocorrendo, independentemente do princípio de realidade; o outro é a defesa primária, que, segundo Freud, consiste no repúdio e na “aversão por manter investida a imagem mnêmica hostil” (Freud, 1895/1996, p. 374). Essas operações são condizentes com o processo primário, que obtém a satisfação alucinatoria da força que visa à identidade de percepção sem adiamento, por meio do investimento copioso nas facilitações ligadas à “experiência de satisfação” (Freud, 1895/1996), e repulsa à dor, que inibe a ativação da memória das experiências dolorosas, como meios de obter prazer e inibir o desprazer.

Na tentativa de elucidação metapsicológica do ódio no processo primário, faz-se uso da formulação conceitual do aparelho psíquico, em que Freud (1895/1996) introduziu sua interpretação sobre a constituição do Eu, seu desenvolvimento, estrutura e funções. Explora-se, assim, com clareza, a relevância do aspecto econômico em sua metapsicologia, na qual “parte das duas noções fundamentais de quantidade e de neurônio” (Anzieu, 1989/2000, p. 103).

Tal visão demonstra que a manifestação do ódio é inerente à constituição, uma vez que seu surgimento está na gênese das representações, impondo de modo implacável sua determinação na vida anímica em formação e agenciando os elementos que estão em sua base. Enquanto o amor é atração e leva à busca pelo objeto, o ódio atua como repulsa, recusa, rejeição da experiência dolorosa. Nesses termos, a construção do aparato anímico estabelece-se em torno desse movimento que atua para aplacar as excitações — algo impossível, já que as alternâncias excitatórias constituem o cenário inescapável de todo vivente.

Compreende-se, assim, que a sequência das representações será efetuada conforme repulsas e atrações, promovendo a atuação do ódio e do amor, respectivamente, por meio das ações de expulsão (*Ausstossung*) e unificação (*Vereinigung*)² (Rudge, 1998). Freud fala de um trabalho não apenas psíquico, mas também corporal, dado que a excedência da tensão desperta algo intolerável. Inicialmente, a tendência do vivente será empreender a defesa primária, de acordo com o princípio de constância. Já a alucinação estabelece a descarga desse montante, consistindo numa busca orientada pelo princípio do prazer, evitando o desprazer. É nisso que a atividade primária da psique se concentra.



Pablo Picasso: Pareja N° 2

Invariavelmente, o vivente experimenta os afetos concernentes à série de prazer e desprazer. “Viver é experimentar de maneira contínua uma situação de encontro” (Aulagnier, 1975/1979, p. 32); é com os espaços heterogêneos que a psique se deparará durante toda a vida, experienciando constantemente os efeitos estruturantes, languageiros, resultantes desses encontros. Tais condições também fornecem meios para que a psique inaugure sua atividade e inscreva nos traços mnêmicos aquilo que produzirá como resposta interna, a própria tessitura das representações (*Vorstellungen*). Assinala-se que o que se produz na psique são as direções e os caminhos da topografia singular, criados a partir das experiências contingenciais dos objetos do mundo ou daquilo que se disponibiliza deles, sendo a alucinação (Freud, 1895/1996) a representação que inaugura a atividade psíquica. Trata-se de uma estratégia ainda precária, já que não resolve a privação que o bebê experimenta, mas é fruto de um trabalho econômico que requer investimento pulsional.

A alucinação põe em cena o engano da aspiração do ser humano: a completude. O ganho prazeroso é o propósito da própria atividade de representação, vinculando duas fontes de prazer: “a do representante e a do objeto que ele representa” (Aulagnier, 1975/1979, p. 44). Ao ludibriar a falta, a alucinação oferece um estado de prazer, pois entretém a atividade anímica com a representação de uma vivência que não se realiza no plano material, fecundando a trama do desejo.

Recorre-se aqui a uma passagem poética em que Freud (1908/2015, p. 332) afirmou: “Assim, passado, presente e futuro são como que perfilados na linha do desejo que atravessa [...]. O desejo faz uso de um ensejo do presente para esboçar, segundo o modelo do passado, uma imagem para o futuro”. Em outras palavras, constatando que o objeto é sempre contingencial, Freud (1915/2010) já havia aclarado que, na reincidência da falta, o desejo produzirá as direções que o aparelho anímico representou: do prazer será germinado o amor, e do desprazer brotará o ódio, efetuando uma busca que é própria do desejo.

Metapsicologicamente falando, o que a gênese da vida psíquica executa com a alucinação ignora a dualidade que compõe o encontro boca-seio: o desencontro, sinônimo da falta. O campo do primário marca a origem das representações (*Vorstellungen*), que se referem às variações do prazer e do desprazer e têm como fonte o próprio corpo, sem exatamente levar em conta o que ocorre no mundo externo — se há ou não objeto externo.

Uma vez que não é possível obliterar a descontinuidade que o desamparo constitui e a falta anuncia, as operações que as representações efetuam não chegam a saciar as necessidades orgânicas. Conferem, contudo, uma compensação de prazer e o seu além, como exemplificou Freud (1905/2016, 1920/2021) com o traquejo infantil do sugar: uma ação que arquiteta os dois vetores do desejo. O primeiro é estabelecer o prazer, ainda que parcial, pois, sozinho, não atinge o conforto da plenitude pós-prandial, e a fome pode gerar desprazer. O segundo, corolário do desprazer, é o ódio, cujos efeitos o campo psíquico se empenha em rejeitar, anulando a heterogeneidade do mundo.

As produções dessas tessituras partem de uma exigência que contempla o que a psique deseja encontrar: não se trata apenas de alcançar o prazer pela via da satisfação, mas também de eliminar o desprazer, extinguir a condição de submissão que a falta impõe. Em outras palavras, a façanha das pulsões de autoconservação. Marca-se aqui uma posição que caracteriza o inesgotável esforço teórico de Freud, que destacou a cumplicidade entre duas vicissitudes do desejo que, tanto no processo primário quanto no secundário, atuam a serviço da constituição e conservação da vida: o ódio e o amor.

Dado que “nada senão o desejo pode colocar nosso aparelho mental em ação” (Freud, 1900/2001, p. 544), as sensações de prazer e desprazer estão diretamente articuladas às polaridades que regem o psiquismo. Dessas polaridades experimentadas pelo corpo, o ódio e o amor surgirão, exprimindo a relevância da exigência das pulsões nas representações psíquicas,

fatores econômicos e dinâmicos, não descritivos, mas metapsicológicos (Laplanche; Pontalis, 1967/1992), da experiência pulsional de cada vivente.

Nesses termos, o ódio e o amor fundam uma experiência e um ponto de partida na constituição psíquica, tecendo a topografia da emergência das representações. À psique caberá atuar de maneira engenhosa, interpretando e traduzindo o que experimenta, produzindo nas representações “a apropriação em algum nível dos elementos experimentados” (Trevisan; Lira Bertoche, 2023, p. 84) na carne — o ódio e, também, o amor. Essa é a gênese do sujeito, ainda não estruturado pela linguagem, mas em seu percurso de constituição e ascensão.

Aqui, faz-se necessário demarcar pontos importantes dos conceitos psicanalíticos. Um deles é que o ódio assume uma posição originária e responsiva aos perigos da vida, “que vêm revelar a existência de um outro espaço, e a dependência psíquica em relação a ele” (Aulagnier, 1975/1979, p. 56). Outro, quando Freud (1923/2011, 1924/2011) observou que o amor e o ódio só se irão contrastar na puberdade. Em sua clínica, ele constatou e ampliou o desenvolvimento de Bleuler, psiquiatra suíço que havia observado a coexistência de sentimentos opostos em relação a uma mesma pessoa ou situação na esquizofrenia. Freud levou essa observação adiante, ampliando a incidência da ambivalência para todas as pessoas e relações. Ele afirmou que, somente no período púbere, o ódio poderá associar-se à pulsão sexual, a serviço do sadismo e da crueldade, e atuar numa direção contrária ao amor — ou seja, a serviço da pulsão de morte.

O corpo é definido por Freud (1895/1996, 1905/2016, 1920/2021, 1923/2011) como um “conjunto de funções sensoriais, elas mesmas veículos de uma informação contínua” (Aulagnier, 1975/1979, p. 21). Essas funções subsidiam os moldes somáticos que a atividade psíquica reproduz nos conflitos e cisões do ódio, que irrompe como uma resposta àquilo que desestabiliza a homeostase orgânica. Já o amor se estabelece como meta englobante e unificadora

de Eros que, pela indissociabilidade zona-objeto, dá forma à imagem de um mundo no qual todo objeto tende para, e alcança seu complemento, unindo-se a ele para reencontrar uma totalidade perfeita (Aulagnier, 1975/1979, p. 55).

Reflexo do desprazer vivido, o ódio origina-se na experiência anímica pela ação dos estímulos experimentados em razão da insuportável assimetria do corpo em relação ao mundo. Advertido disso, Freud (1914/2010) entendeu que o amor resulta *a posteriori*, compreendendo que o objeto externo só se oferecerá como fonte de prazer num momento seguinte à experiência de desprazer.

Vai e vem, presença e ausência: nenhuma satisfação é permanente ou absoluta. Nos primeiros efeitos anímicos, o ódio é a força que objetiva afastar as ameaças, sendo sucessor da repulsa, que participará também da criação da alucinação. Afinal, o que cria a alucinação para driblar a falta é o desejo (FREUD, 1895/1996). Já a repulsa produz a alucinação negativa: a incapacidade de reconhecer os sinais de perigo iminente, o “vai dar merda”³. Essa força pode impedir que se fuja enquanto há tempo de uma situação hostil.

A alucinação — e inclusive a fantasia, terreno de descanso do princípio de realidade — rejeita a situação penosa imposta pela realidade e produz outra, uma que sustente a estabilidade em proveito de uma condição de quietude. O ódio atua como resultado da impossibilidade de um estado homeostático, condição de todo vivente. Ele impõe-se devido ao interesse em se manter despojado de qualquer desejo (Aulagnier, 1975/1979). A falta resultante da precariedade estrutural, a impossibilidade de uma fixação homeostática, manifesta-se a cada vez que a atividade psíquica se vê obrigada a representar.

A “cada vez que o corpo e o mundo se revelam causa de sofrimento, assistir-se-á a uma relação de ódio” (Aulagnier, 1975/1979, p. 66). Já o desejo (Freud, 1895/1996) resulta de uma fissura irremediável entre o mundo interno e o mundo externo, entre o desejo de satisfazer-se e a imprevisibilidade do objeto. O ódio exerce o seu movimento para extinguir a falta, tomando o desejo como seu objeto e também direção, ao passo que o amor germina seu prolongamento no vazio, consistindo sua meta em ligar-se às coisas.

Para o pai da psicanálise (1895/1996, 1920/2021), a relação entre a experiência de desprazer/prazer e a atividade das representações está intimamente ligada. A ocasião de um estado de sofrimento sublinha a precariedade orgânica e a incerteza de um apaziguamento — um ultraje para o funcionamento psíquico. O ódio é motivo de escândalo para a atividade anímica (Aulagnier, 1975/1979), visto que a condição necessária para que a psique se veja compelida a representar é um estado de tensão. As vivências de descontinuidade e incerteza de um novo estado de equilíbrio produzem dois objetivos do desejo: o primeiro diz respeito ao investimento englobante, modelagem do amor; o segundo está na formulação freudiana que vincula o ódio à repulsa original. Mais precisamente, o amor surge como investimento libidinal que visa incorporar algo. Este mito sobre o passado primitivo do humano e suas práticas canibalistas, como Freud exemplificou em *Totem e Tabu* (1913/2012), situa essa prática como fruto da ambivalência afetiva: entre os canibais, somente o homem admirado poderia ser ingerido. Isso coloca o canibalismo entre o amar e o odiar. O canibalismo não teria, como único propósito, saciar a fome, mas também tomar para si uma parte do objeto e, ao mesmo tempo, eliminá-lo, destruí-lo.

Quanto ao ódio, este lida com aquilo que não se pode incorporar, homogeneizar ou tomar para si. Assim, o ódio opera como força para extinguir o que escapa, o que foge ao controle, num esforço para preservar o elemento homogêneo. Essa condição expressa-se na atividade psíquica sob os índices da repulsa, da rejeição e das variantes da negação (Didier-Weill, 1997/2010), incluindo a agressão.

O processo secundário: das negações, o ódio

Cumprir lembrar que o processo primário opera sob o regime do princípio do prazer, que, sem levar em conta o princípio de realidade, mantém a reprodução da alucinação com ações tanto psíquicas quanto corpóreas. Nessa posição, o amor e o ódio remontam ambivalentemente à imutabilidade da “oposição entre introjeção e expulsão” (RUDGE, 1998, p. 46).

A partir daqui, prosseguiremos pelo itinerário esboçado em 1925, no artigo “A denegação” (Freud, 1925/2010, trad. modificada), no qual Freud forneceu contribuições imprescindíveis sobre o processo secundário. Para contemplar tal descoberta, assinalamos que o ódio está alocado nos mecanismos psíquicos que configuram o secundário, e que esses mecanismos, relativos à negação, promovem a estruturação da vida anímica. Se, no primário, as produções se encontravam ambivalentes — entre introjetar o que é bom e expulsar a dor, o desprazer, o mau —, no secundário, tratar-se-á de o Eu “confirmar ou negar” (FREUD, 1925/2010, p. 278). Para tanto, o Eu poderá valer-se de mecanismos que não apenas rejeitam ou incorporam, mas que definem o destino psíquico, fabricando modos próprios de confrontar o princípio de realidade (Aulagnier, 1975/1979).

Tomando a metapsicologia como critério para o exame do processo secundário, trata-se de um processo ativo, no qual a resposta efetuada pelo Eu remonta a ações de defesa e repulsa, uma vez que o Eu tenderá a expelir o excesso experimentado. No secundário, isso se dá sob a forma de denegar, desmentir ou foracluir (Lacan, 1955-56/1988), ações suscitadas pelo ódio.

Esses mecanismos estruturam posições defensivas que o Eu emprega para se fazer existir (Trevisan; Vives & Maesso, 2022). São eles: o mecanismo que produz a neurose (*Verneinung* – denegação), a resposta que estrutura a perversão (*Verleugnung* – desmentido) e a resposta que resulta na psicose (*Verwerfung* – forclusão) (LACAN, 1955-56/1988; Hyppolite, 1998; Didier-Weill, 1998/2010). Essas três saídas estruturam o segundo tempo lógico da constituição psíquica. O funcionamento pode, no entanto, permanecer restrito ao primeiro tempo (como no caso da psicose). O ódio assegura a permanência do objeto, seja na imutabilidade da alucinação, seja no consentimento com a percepção recém-chegada.

No processo primário, o ódio sustentava o juízo de atribuição pela via da expulsão (*Ausstossung*); já nas produções secundárias, ele assume uma vertente criativa, fabricando mecanismos psíquicos que, além de exprimir uma ação negativa, estruturam a vida anímica. No caso da neurose, por exemplo, o ódio produz a diferenciação entre o dentro e o fora fabricando um lugar que, ainda que negado ou repellido, será posicionado fora do Eu (FREUD, 1925/2011).

Esses subsídios teóricos permitem apreciar que o ódio está alocado nos acessos que estruturam a vida anímica, sendo um fundamento do processo de tornar-se, participando dos acessos que promovem o advento do sujeito. Ele é agenciador do destino psíquico e da forma como o sujeito aborda e requinta seu contrato com o princípio de realidade. Seja pela denegação (*Verneinung*), desmentido (*Verleugnung*) ou forclusão (*Verwerfung*), o ódio assegura a aparição do sujeito.

Na hipótese freudiana sobre os mecanismos psíquicos no processo secundário, a neurose firma-se num campo onde atuam os pares concomitantes *Bejahung-Verneinung* (afirmação e denegação), produzindo o recalçamento. No caso da perversão, os pares seriam *Bejahung-Verleugnung* (afirmação e desmentido). Ambas diferem da psicose, na qual há um “não” absoluto, sem referência à afirmação ou *Bejahung* (Didier-Weill, 1998/2010).

Para aprofundar a análise do secundário, é relevante assinalar que o filósofo Jean Hyppolite (1998), a pedido de Lacan, comentou o artigo “A denegação”, destacando o uso dado por Freud às palavras alemãs: *Ersatz* (substituto) e *Nachfolge* (sucessor). Segundo Hyppolite, Freud usou *Ersatz* para enfatizar que o “sim” executado no secundário pelo mecanismo de *Bejahung* (afirmação) atua como substituto da introjeção realizada no primário. Ambas as ações, relacionadas ao amor (introjeção e afirmação), são “equivalentes à unificação” (Hyppolite, 1998, p. 900), visto que a *Bejahung* apenas substitui o que já fora realizado por Eros, atuando como um *continuum* daquilo que já fora realizado no primário.

Por outro lado, Freud utilizou *Nachfolge* (sucessor) para referir-se à denegação (*Verneinung*). Hyppolite (1998) observou que a denegação na neurose é resultado da expulsão (*Ausstossung*) realizada lá no primário. O filósofo apontou ainda que a denegação não visa apenas expulsar, como fazia o ódio primariamente, mas suprimir elementos pulsionais, sendo esta a função no recalçamento.

Freud deixou claro que o estudo do secundário nos permite “vislumbrar a gênese da função intelectual a partir do jogo dos impulsos” primários (Freud, 1925/2010, p. 281), na qual o ódio está contido nas ações em que o Eu tende a negar e subtrair. Essas ações envolvem moções pulsionais, ou algo do próprio sujeito, que ele visa denegar, desmentir ou foracluir. Hyppolite (1998) destacou que negar não é apenas suprimir, mas também tentar destruir.

Essa tentativa resulta, contudo, em um malogro. O que é lançado para fora do Eu é posto no inconsciente ou na direção do mundo externo. Nesse sentido, Lacan ilustra, de maneira eloquente, o que ocorre no processo secundário com o recalque: “A verdade é que é com o que resta que o sujeito compõe o mundo e, sobretudo, que ele se situa dentro, isto é, que ele se

arranja para ser aproximadamente o que ele admitiu que ele fosse” (Lacan, 1955-1956/1988, p. 102).

O que o ódio efetua no processo secundário (na neurose) é produzir uma função que se ocupa do juízo de existência, dando origem à produção do pensamento. Neste trabalho psíquico de fundação da diferença entre o dentro e o fora, o Eu e o objeto, o ódio fabrica um corte cuja tendência é rejeitar, negar, eliminar e excluir o excesso, a dor e o desprazer experimentados pela própria carne. É nesse movimento que se instala a realidade psíquica, consagrando o “aparecimento do ser sob a forma do não ser” (Hyppolite, 1998).

Recalque secundário ou as incidências do ódio no mal-estar

Dando continuidade à releitura das definições metapsicológicas do papel do ódio na constituição do sujeito, estende-se a análise ao campo social, abrangendo os temas da civilização e da barbárie, não sem antes destacar o caráter indelével do ódio nesses aspectos.

As demonstrações de cunho metapsicológico exigem, a rigor, que possam ser observadas na experiência para firmar seu estatuto de disciplina. Nesse sentido, seja na clínica do sujeito, seja na história da humanidade, é imprescindível sublinhar, mesmo do ponto de vista de Freud, a expressão do ódio entranhada nas ações da agressividade. Sobre a relação entre esses dois conceitos, Kaufmann (1993/1996) observa que Freud nunca distinguiu claramente o ódio da agressividade, embora tenha investigado esse afeto primordial ao longo de toda a sua obra.

Partindo desse pressuposto, no contexto das reflexões freudianas sobre as raízes da civilização e da cultura, não se pode desconsiderar o impacto sem precedentes da Primeira Guerra Mundial, bem como os prenúncios da Segunda. O fato de Freud ter experimentado pessoalmente os efeitos do antissemitismo fomentou sua inclinação para o exame dos temas da destruição e do ódio, que ele considerava inerentes ao gênero humano, como se pode observar nos textos ditos sociais, ou sociológicos.

O interesse de Freud (1912-13/2012) pelas pulsões e pela institucionalização dos modos de relação é notável em *Totem e Tabu*, onde ele investiga, à luz de sua clínica, a universalidade dos desejos inconscientes parricidas e incestuosos. Nesse texto, o psicanalista aborda o horror ao incesto e ao parricídio, demonstrando que as “proibições morais e tradicionais a que obedecemos poderiam ser essencialmente aparentadas a esse tabu primitivo” (Freud, 1912-13/2012, p. 48). Essa constatação constituiu um pilar para a elaboração das teorias sobre a identificação e as vicissitudes do amor e do ódio.

No cenário coletivo, intensamente explorado por Freud, é possível identificar a incidência do ódio e do mal-estar a ele inerente (Fuks, 2014). Para compor a substância final dessa releitura, recorre-se a dois textos de Freud separados por mais de uma década: *Totem e Tabu*, já mencionado, e a correspondência entre Freud e Einstein, de 1933.

O primeiro trata do mito teórico da horda primitiva, expondo o desfecho do parricídio cometido pelos filhos. Por um lado, eles temiam a força e a imposição do pai; por outro, invejavam seu poder. Como Freud explica em *Moisés e o Monoteísmo*: “[...] cada um deles queria, na realidade, tomar o seu lugar” (Freud, 1939 [1934-1938]/2018, p. 115), ou seja, a ação eminentemente odiosa visa excluir o outro para instituir-se em seu lugar. Os filhos, justificados pelo ódio, promoveram a ação que resultou em dois vetores: a aliança entre os irmãos, expressão da pulsão de vida, e a hostilidade recalcada no Eu, manifestada na consciência moral, sob a dinâmica do Supereu e do sentimento de culpa, influenciados pelas pulsões de morte (Freud, 1923/2011, 1930/2020).

Freud prossegue em *O mal-estar na cultura* (1930), argumentando que a atenuação da força de um indivíduo pela força da comunidade foi uma etapa decisiva para o desenvolvimento

da cultura. Ele preserva as considerações sobre o mito da horda primitiva (FREUD, 1912-13/2012) e refina essa percepção nos anos de 1930, afirmando que o conteúdo essencial da vida é marcado pela luta entre amor e ódio, polos relativos às pulsões de vida e de morte (FREUD, 1930/2020). Nessas considerações, Freud destaca que, desde as raízes do aparelho psíquico, existem forças que não podem ser extintas, mesmo sob a imposição da lei externa, do totem ou de normas internas (Freud, 1930/2020).

O segundo texto, mais conhecido como “Por que a guerra?”, de 1933, é produto da correspondência entre Freud e Einstein. Essa obra é de grande importância porque aprofunda a metapsicologia no contexto social, principalmente em torno das noções de destruição e ódio. O debate surge da indagação de Einstein sobre as origens do sentimento que leva o homem à guerra e às sucessivas destruições em nome do poder. Freud responde com precisão: “posso substituir a palavra poder [*Macht*] por violência [*Gewalt*], uma palavra mais intensa e mais dura?” (Freud, 1933/2020, p. 427).

Além disso, Freud retorna ao mito da horda e ao uso da força como meio de dominar e controlar, manifestações de agressividade, violência e ódio. Em “Por que a guerra?”, Freud (1933/2020) lamenta que os humanos tendam a usar a violência não apenas para eliminar um adversário, mas também para submetê-lo à servidão. Em outros termos, o ódio está no cerne dessas ações e expressa-se nas formas violentas pelas quais o sujeito enfrenta a diferença que o mundo e o outro lhe apresentam.

Ao tentar elucidar para Einstein o campo do ódio e da destruição, Freud menciona o assassinato do pai da horda: “Além disso, a morte do inimigo satisfaz uma inclinação pulsional” (Freud, 1933/2020, p. 428). A partir daí, seus argumentos seguem a trilha da violência e das dimensões do ódio. Ainda que o amor e o ódio sejam ambivalentes e compartilhem a mesma natureza pulsional, é necessário compreender que, diferentemente do amor, que povoa o discurso e as confissões, o ódio se revela na ação — e é nesse contexto que surge o furo, pois o caráter da pulsão é de ser intamponável.

O crescente interesse de Freud pelas forças que regem o psiquismo e se manifestam no nível social afastou a psicanálise da ideia de que os seres humanos têm uma “natureza pacata, ávida de amor” (Freud, 1930/2020, p. 363). Pelo contrário, o vínculo social entre os membros de um grupo só é mantido pelo amor sob a condição de exteriorizar a agressividade pulsional em direção ao outro grupo, qualquer que seja ele, como esclarece Freud (1927/2020) em *O futuro de uma ilusão*.

Com efeito, a contribuição freudiana repousa na afirmação de que tanto as pulsões de vida quanto as de morte são indispensáveis para “as manifestações da vida” (FREUD, 1933/2020, p. 434). Ainda que os destinos do ódio tomem como objeto o próprio Eu ou o Eu do outro, o ódio é uma produção abrigada no e pelo próprio sujeito, cuja busca por satisfação jamais será inteiramente superada.

Referências:

- Anzieu, D. (1989) *O Eu-pele*. Tradução de Zakie Yázig; Rosali Mahfuz. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- Aulagnier, P. (1975) *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- Didier-Weill, A. (1997). *Os três tempos da lei: O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Tradução de Ana Maria de Alencar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- Didier-Weill, A. *Un mystère plus lointain que l'inconscient*. Paris: Editions Aubier, 2010.

- Freud, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. I, p. 333-448.
- Freud, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.
- Freud, S. (1905). Os três ensaios da sexualidade. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 7, pp. 13-172. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Freud, S. (1908) O escritor e a fantasia. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 8, pp. 325-338. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- Freud, S. (1912-13) Totem e tabu. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 11, pp. 13-244. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- Freud, S. (1914) Introdução ao narcisismo. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 12, pp. 13-50. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1915). Os instintos e seus destinos. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 12, pp. 51-81. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1920) *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]*. Trad. M. R. S. Moraes. pp. 225-302. Belo Horizonte. Autêntica, 2021.
- Freud, S. (1923) Eu e o Id. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 16, pp. 13-74. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 16, pp. 184-202. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1925) A negação. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 16, pp. 275-282. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1927) O futuro de uma ilusão. In: *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1930) *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1933) Por que a guerra? Carta de Freud a Einstein. In: *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, S. (1939) Moisés e o monoteísmo: Três ensaios (1939 [1934-1938]). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza, vol. 19, pp. 13-188. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- Fuks, B. *O Moisés e a religião monoteísta- Três ensaios: O desvelar de um assassinato*. org. Nina Saroldi. 1ªEd. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- Hyppolite, J. Comentário falado sobre a Verneinung. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. pp. 893-902. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Kaufmann, P. (1993). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- Lacan, J. (1955-1956) *O seminário, livro 3: as psicoses*. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed 2ª., 1988.
- Lacan, J. (1964) *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Laplanche, J.; PONTALIS, J. B. (1967). *Vocabulário de psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Paes De Barros, C. (1998) Conceitos Termodinâmicos e evolucionistas na estrutura formal da metapsicologia Freudiana. In: *Cadernos do Tempo Psicanalítico* nº3, Rio de Janeiro, editado pela Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, Tradução de Ana Maria Rudge e Eliane Mendlowicz, p. 13-51.

- Rudge, A. M. *Pulsão e linguagem: Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Santos, T. C. (2013). A psicanálise é uma ciência e o discurso analítico é uma práxis? *Revista Ágora*. Rio de Janeiro, vol. XVI n 2. jul/dez de 2013 pp. 299-312. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/WF7HVMVZxywJRgwstjDQFGwx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 de março de 2024.
- Trevisan, A., Lira Bertoche, D. A metapsicologia da pulsão de apoderamento: Considerações sobre a constituição psíquica. In: *Revista Humanidades e inovação*, vol. 10, n. 4, 2023: Psicanálise: atualidades e interfaces. pp. 81-92. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8683>. Acesso em: 2 out. 2023.
- Trevisan, A., Vives, J-M, & Maesso, M. C. (2022). Por que precisamos diferenciar a pulsão de apoderamento da pulsão de morte? in: *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 25(4), 514-533, dez. 2022 <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n4p514.2>

Notas:

- ¹ Os termos em alemão seguem a proposta de tradução de Vera Ribeiro na versão brasileira dos Escritos, de Jacques Lacan (1998, pp. 936-7).
- ² Acompanhamos a tradução de Vera Ribeiro nos Escritos de Jacques Lacan, p. 897.
- ³ O compositor Chico Buarque de Holanda, quando perguntado sobre o que achava do ministério do governo Lula de então (2002), respondeu que faltava um "ministro do vai-dar-merda".

Citação/Citation: Bertoche, S. L.B; Rudge, A. M. T. P. (2025). *Do advento do sujeito ao mal-estar na cultura: a metapsicologia do ódio*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 1), pp. 3-13.

Recebido em: 19/03/2025
Aprovado em: 10/06/2025